



Mademoiselle Pierat que atualmente triunfa na Comedie Française desempenhando a protagonista da peça MARCHE NUPCIAL d'Henri Bataille  
(Cliché Reutlinger)

II Série—N.º 415

# Ilustração Portuguesa

Listoá, 2 de Fevereiro de 1914

DIRETOR E PROPRIETARIO J. J. DA SILVA GRAÇA  
EDITOR: JOSÉ JOUBERT CHAVES

EDIÇÃO SEMANAL DO JORNAL O SECULO

Assinatura para Portugal, colonias portu-  
guezas e Hespanha:

Redação, administração, off. de composição e impressão  
RUA DO SECULO, 43



Trimestre..... 1820 cent.

Semestre..... 2840 cent.

Ano..... 4880 cent.

Numero avulso. 10 cent.



Electro-maçagem da testa com a banda de SELVYT.  
(rugas, migraine, etc.)

# "ZODIAC"

## APARELHO DE ELECTRO-MAÇAGEM

O ultimo aperfeiçoamento no dominio da sciencia electro-medica é o **Aparelho d'Electro-Maçagem, o "ZODIAC"** que, de repente eclipsou todos os aparelhos de pilhas, baterias, etc. Este exito é devido á sua simplicidade, á sua barateza, á sua eficacia e á sua superioridade incomparavel sobre todos os outros aparelhos conhecidos.

Até agora, um dos maiores inconvenientes do tratamento pela electricidade tinha sido a grande despeza a fazer; o apparelho do **"ZODIAC"** reduziu a nada esta dituldade primordial e os doentes têm, além d'isso a facultade de se tratarem a si proprios com a melhor e mais salutar combinacão de electricidade e de maçagem.

O **Aparelho d'Electro-Maçagem, o "ZODIAC"** é seu rival em todos os casos e mais especialmente foi experimentado e tem exito em:

Dores em geral	Lumbago	Indigestão
Neuralgia	Rugas	Calambres do estomago
Rheumatismo	Obesidade	Prisão de ventre
Paralyzia	Fraqueza	Falta de sono
Sciatica	Perturbações nervosas	Queda dos cabelos
Entorses	Desordens nervosas	Cansaço
Contusões	Circulação viciada	Debilitade

### DESAPARECIMENTO DAS RUGAS

Preço do aparelho com todos os accessorios e porte: 12 escudos.

Dirigir os pedidos, acompanhados da respectiva importancia, ao representante exclusivo para a venda em Portugal:

*Mr. de Smedt, 26, rue Norvins, Paris*

## ULTIMA INVENÇÃO NORTE-AMERICANA

LUZ A GAZOLINA

*Wigard*



UNICA QUE ACENDE COM UM FOSFORO COMO O GAZ E TENDO UM PODER ILLUMINANTE DE 500 VELAS, APENAS CONSUME UM LITRO DE GAZOLINA EM 24 HORAS, PEDIR INFORMACOES A PARAIZO, PE-REIRA & C. - COIMBRA

Vão-se representantes em todos os concelhos



## O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE  
CHIROMANTE  
E FISIONOMISTA DA EUROPA

MADAME 19

## BROUILLARD

Diz o passado e o presente e pre-  
viz o futuro, com veracidade e rapi-  
dez; é incomparavel em vaticinios,  
Pelo estudo que fez das ciencias,  
quimicas, cronologias e fisiologia  
e pelas applicações praticas das theo-  
rias de Gall, Lavater, Desbarrolles,  
Lambrose, d'Arpenligny, madame  
Brouillard tem percorrido as princi-  
pales cidades da Europa e America,  
onde foi admirada pelos numerosos  
clientes da mais alta categoria, a  
quem predisse a queda do Imperio e  
todos os acontecimentos que se lhe

seguraram. Fala portuguez, francez, inglez, allemã, italiano e hespanhol. Da  
consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA  
DO CARMO, 43 (sobre-lo a. — LISBOA. Consultas a 18000 rs., 28500 e 50000 rs.



## CRÈME SIMON

PARA  
conservar ou dar  
ao rosto

FRESCURA  
MACIEZA  
MOCIDADE.

Para proteger a epiderme contra as  
influencias perniciosas da atmosfera,  
é indispensavel adoptar para a toilette  
diaria o CRÈME SIMON.

Os PÓS de Arroz SIMON e o  
SABONETE Crème Simon, pre-  
parados com glicerina, a sua accão  
benefica é tão evidente que não ha  
ninguem que o use uma vez que não  
reconheça as suas grandes virtudes.

MÉDAILLE d'OR, Paris 1900

J. SIMON, 59, rue du faubourg PARIS 10<sup>e</sup>  
Saint-Martin

PHARMACIAS, PERFUMERIAS  
e Lojas de Cabellerei.os

Desconfiar das Imitações.

# ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA CRONICA

2-2-1914

N.º 415

## A velhice dos poetas

O telegrafo acaba de trazer-nos a noticia de que Pères Galdós está na miseria. Velho, doente, quasi cego, o grande romancista hespanhol, autor d'uma obra que trasbordou da Hespanha e inundou as Americas como um clarão, chegou ao fim da vida sem que essa obra vastissima lhe tenha assegurado, ao menos, a tranquillidade d'uma velhice modesta. O homem que durante quarenta



anos de nobre actividade e de trabalho fecendo derramar as mãos cheias a luz, a verdade e a beleza, vê-se obrigado, nos ultimos anos de vida, ao recurso doloroso da esmola. Quer dizer que, pelo menos no momento actual, o mercado literario da Hespanha é insufficiente para oferecer a um escritor, mesmo quando ele se chame Galdós, a garantia d'uma honesta independencia.

## De luvas

A todos os progressos na ciencia da investigação criminal tem correspondido um aperfeiçoamento na tecnica profissional do crime. Posto em pratica regularmente em Portugal, nos postos antropometricos, o processo de identificação pelas impressões digitales, o gatuno, que n'uma arte apreensora por excellencia não pode deixar de se servir das mãos, teve de defender-se e de tomar precauções rigorosas para não deixar por toda a parte, na casa roubada, o seu cartão de identidade. O ladrão profissional, o ladrão que se presa, o ladrão que conhece o *métier*, já não rouba senão de luvas. Foi a conclusão a



que chegaram os peritos, nos ultimos roubos cometidos em Lisboa. Devemos felicitar-nos. Alguma coisa já conseguiram os modernos processos de investigação scientifica do crime: fizeram do gatuno vulgar uma creatura *bien gantée* e trouxeram-nos, ao menos, a agradável certeza de que, d'hoje para o futuro, só seremos roubados—de luva branca.

## Eterno feminino

A mulher é, seguramente, a mais encantadora de todas as contradicções. O absurdo tem

n'ela a sua materialisação suprema. Nos seus atos, nos seus sentimentos, nas suas idéas só ha uma logica possivel: é a falta absoluta de toda a expressão logica. Para lhe agradar, — a litteratura é incoerente, a arte é incoerente, a propria moda é incoerente. A afirmação mais irrecusavel d'essa contradicção estrutural está na maneira por que a mulher se vestiu este inverno, com o termometro a 0: imensas estolas, regalos enormes de *skungs*, de lynce, de lontra;



rapozas nos hombros; ondas de péles caídas pelas costas,—e o peito nu, ao frio.

## Livros

Ha vinte e cinco anos para cá, a evolução da poesia em Portugal tem-se feito no sentido da maior simplicidade. A complicação dos bisantinos, dos simbolistas, dos instrumentistas, dos mysticos, cuja eclosão brilhante foi preparada, entre nós, pela escola franceza de Moraes, de Mallarmé, de Viélé Griffin, de René Ghil, tem cedido o passo, pouco a pouco, a uma poesia serena e natural, tranquilla e



clara, que em fórmulas melodicadas ingenuas canta as coisas minimas da vida. O ultimo belo livro de José Coelho da Cunha, *Canções da Terra*, pequena eclógica cristã feita com ternura e com simplicidade, é uma expressão exata d'essa tendencia. Que eu, verdadeiramente, não conheço nenhuma arte mais complexa do que a arte de parecer simples.

JULIO DANTAS.

(Ilustrações de Manuel Gustavo).

# Historia dum ramo de Cravos.



QUANDO n'essa noite Julião entrou em casa, depois de um longo passeio pela cidade deserta e mergulhada na sombra muda e no silencio doce para a sua tristeza, encontrou com espanto, no seu quarto de estudo, sobre um livro de versos de Alfredo

de Musset, um ramo de cravos brancos e orvalhados que se exalavam em aroma e perfumavam todo o ambiente. Abriu, com sobresalto, a janela que respirava para o jardim, e chamou Rosalina, uma velha criada que já servira sua mãe e que ficára sendo a companheira de uma orfanidade melancolica.

—Lá vou, menino!—respondeu ela do fundo da cosinha, por onde arrastava, tossindo, os seus chinelos de orello.

Uma lua de balada, redonda e pulverisando-se em luz, tecia sobre os ramos das arvores, imoveis na solidão noturna, as frageis, vaporosas rendas de luar, que se adelgacavam, se dissipavam nas penumbras. As casarias adorneciam suavemente sob a benção piedosa da claridade lunar. Nenhum ruido perturbava a quietação, a solidão d'aquelle momento admiravel. Julião ergueo o ramo de cravos nas mãos tremulas e observou-o vagorosamente. Quem poderia lembrar-se d'ele, que era um desconhecido e um desalentado, com tanta gentileza? Ia entrando no entardecer da existencia, não tinha a menor confiança na vida que não compreendia, não conservava nem illusões nem esperanças e no seu sentimento a amargura formava lentas cristalizações.

—Que me quer?—perguntou, batendo á porta, a serva.

—Quem trouxe estas flores?—interrogou Julião.

—Como as trouxe foi uma rapariguita descalça, ao fim da tarde, pedindo para que eu lh'as entregasse.

—Mas da parte de quem vinha?

—Não o disse. Assim que m'as deu, botou a fugir. Eu ainda o chamei, ainda quiz saber... Ela, porém, nem sequer me escutou!... Foi assim mesmo.

—Está bem, Rosalina... Póde retirar-se... Mas ouça!...

—O que?

—Para a outra vez não torne a aceitar nada, sem explicações claras... Não gosto de romances.

—Eu sei lá o que são romances, menino!... Que queria que eu fizesse? Que as deitasse fóra?... Estou a dizer-lhe como as coisas se passaram!... Ora o meus pecados...

—O' mulher, não se apoquente! Isto é apenas uma recomendação e não uma reprimenda—exclamou Julião, aborrecido. Va-se deitar, vá dormir!...

—Então, muito boas noites lhe dê Deus!—murmurou Rosalina, afastando-se.

—Boas noites!

Julião pousou os cravos sobre a mesa, fechou a porta á chave, sentou-se n'uma cadeira e acen-

dendo um cigarro, começou a pensar n'aquelle caso estranho tocado por um inefavel calor de lirismo e de sentimento. Na realidade, que queria aquilo dizer? Que significaria uma tão delicada oferta a um homem que chegára aos trinta anos sem que deante da beleza feminina o coração lhe pulsasse no peito mais aceleradamente e sem que a sua imaginação exaltada, em instantes de febre e de aspiração, idealisasse sonhos de candura, de graça e de amor, povoados de visões angelicas que para elle estendessem braços supplicantes e lhe promettessem, com a doçura dos beijos, todas as felicidades terrestres? Aquelle inexplicavel episodio solicitava-o precisamente pelo seu ar de enigma. Sem o misterio que o envolvia, nenhuma impressão produziria na sua sensibilidade de doente e de solitario, gerada por um imenso orgulho—esse orgulho que o levava, na rua, a não fitar as mulheres que passavam na radiação da sua formosura primaveril, só porque um dia pensou que podia ser desenhado. Como era um timido, por temperamento, por organização, concentrava-se, vivia n'um permanente recolhimento espiritual, sem querer sair para fóra da sua personalidade, do seu «eu»; e assim se isolára cada vez mais do mundo envolvente, dos interesses afetivos, das frivolidades sociaes, caindo na misantropia que o devorava e o fazia sofrer angustiosamente, porque presentia para além da sua desolação, as alegrias e as venturas que illuminavam as almas de contentamento e de anciiedade.

Ruminando as singularidades da sua psicologia e fumando com desespero, Julião procurava adivinhar a mão ignorada que mandava flores, ao descer dos placidos crepusculos, á sua vivenda das saudades e de ternuras e entendia, finalmente, a fascinação com que o desconhecido atrae as naturezas sensiveis.

Pela janela aberta ás aragens ligeiras da noite — uma quieta, socegada noite que andava a espalhar orações de luz na cidade sonolenta — entrava o luar tepido e branco que acariciava os cravos murchando sobre o livro de Musset com o encanto d'uma canção amorosa apenas principiada: e Julião, acendendo uns cigarros nos outros, evocava, d'olhos errantes, as suas recordações mais longinquoas, para descobrir n'elas uma aparição romantica, um vulto feminino prometedo e gracil que out'ora o tivesse feito cismar e que depois esquecesse: mas não encontrava idillio, trança de cabelo, rosa fanada, confissão meiga, carta deixada ao canto d'uma gaveta que fossem uma revelação.

Na sua existencia não havia minuto de enlevo, da ascensão lirica, de confidencia, de palpitação, que a dourassem de poesia e lhe adocessam a secura. Só se lembrava das angustias curtidas silenciosamente, dos ideaes nunca realizados, de azedumes sem motivo que a exasperavam, do tedio sempre crescente d'uma vida sem finalidade — um tedio pezado que lhe entremostrava a loucura como um meio de libertação e a inconsciencia como uma felicidade e que nada atenuava. Quantas vezes, alucinado por estes sombrios pensamentos, Julião se surpreendia a desejar a morte, uma rapida morte que não lhe causasse sofrimento e que o redimisse de seu cativoiro estreito! Nas raras conversas com os amigos, esta nota

d'um tão funebre espiritualismo denunciava-se constantemente nas suas palavras, era o leit-motif de todas as suas considerações.

— Viver para quê? — perguntava ele com lugubre sarcasmo. Por mim, ainda não encontrei outro fim na vida que não fosse gastar inutilmente o dinheiro que herdei de meus paes.

— Mas, homem, tu ainda não viveste — respondiam-lhe. A vida não é, positivamente, a toca em que te escondes como um bicho assustado. Abre os braços com energia, ama, luta, trabalha, produz!

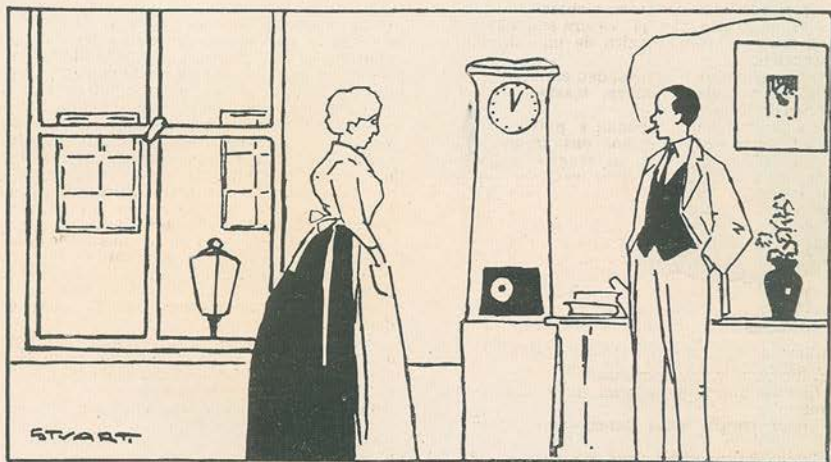
Deante do ramo de cravos de que se evolvavam fragrancias perturbantes, Julião relembrava estes incidentes, e houve um momento em que, olhando á sua roda, pelo ermo compartimento em que a sua mocidade ia acabando com a tristura d'uma flor que se desfolha, imaginou que a sua casa teria mais sedução, mais conforto e mais beleza se n'ela se escutasse o palrar jovial de crianças de cabelos em anéis caindo sobre os *bibes* brancos e se pelas salas sonoras e recolhidas lidasse ativamente uma *ménagère* diligente e amorosa que, nas horas negras do seu pessimismo, o apertasse

muito nervoso pelas comoções intensas d'aquello momento de tentação. Apagou a luz e revolveu-se entre os lençóis de linho que Rosalina trazia perfumados a alfazema e a funcho, á moda da sua aldeia crente de cavadores, não ponde conciliar o sono. Durante todo o resto da noite á sua fantasia sobrecitada se perdeu em suposições e hipoteses que, na lucidez especial da leve sonolencia, adquiriam aspéctos de verdades irreductiveis. O cerebro não repousava um instante, n'este trabalho de elaboração absurda, que o fatigava. Ao alvorecer da manhã, porém, adormeceu profundamente — e quando despertou, sobresaltado pelas pancadas que Rosalina batia á porta do seu quarto, já o sol ia alto, ardendo no limpido azul matinal como uma rosa de ouro e de fogo.

— Que horas são? — perguntou, esfregando as palpebras inchadas.

— Onze, menino! Está o almocinho pronto, e estraga-se! Sempre me saíu hoje um mandrião!...

— Ahí vou!... E' um momento.  
— Levantou-se apressadamente, mergulhou com regalo sensual na agua fria do banho, sentindo



n'um abraço e se curvasse sobre o seu hombro forte, dizendo-lhe ao ouvido uma d'essas divinas ternuras que fundem todas as friezas da emoção. Mas immediatamente o pungiu a duvida. E se ele se tivesse enganado na escolha? Se em vez de encontrar um sér de lealdade, movido unicamente pelo espirito de abnegação e de sacrificio, que sómente existisse para a sua angustia, encontrasse um sér de impostura e de hipocrisia, capaz de todas as traições e de todas as perfidias? Ah! então, como se exacerbaria o conflito da sua sensibilidade e como a sua dor seria mais aspera e cruel!

Levantou-se de salto, atirando a ponta do cigarro queimado para o jardim, fechou a janela com estrondo, e parando, novamente, deante do ramo de cravos brancos, sorriu com ironia.

— Naturalmente, é alguém que quer divertir-se comigo, que pretende intrigar-me para seu prazer!...

E pegando nas flores, arremeceu-as violentamente para o cesto dos papeis, como um trapo inutil que se varre para a rua, indo deitar-se,

clarificarem-se as suas idéas, reconstituiu as cenas da vespera, e enquanto se vestia, pensava com delicia e gratidão na desconhecida misteriosa que mandava ao seu isolamento a visitação lírica das flores orvalhadas. Quem seria ela? Uma apaixonada ou uma intrigante vulgar?

Abriu a janela, por onde a luz entrou a jorros, fulva, criadora, benéfica. Os passaros cantavam alegremente entre as folhagens dos arvoredos que davam sombra ao seu jardim — um florido canto de descanço e de bucolic em que lia Horacio nas tardes de calor. Da cidade, laboriosa e desordenada, vinha o ruido feliz da labuta diurna. A musica idílica dos pregões vibrava no ar luminoso e quente.

Julião curvou-se ao peitoril, contemplando a formosa da manhã que irradiava claridade e era uma flor de pureza e de inocencia abrindo sob o ceu translucido. N'uma varanda, ao fundo do quintal, uma rapariga muito loura, de corpo ondulante, flexivel, regava os craveiros florindo em vasos. Andorinhas aos pares cruzavam a atmosfera, de azas abertas.

Este espectáculo inesperado foi uma revelação.  
—Menino, menino, o almoço está na meza!  
—Já lá vou, Rosalina!...—respondeu Julião, deixando-se ficar ainda á janela, absorvido em cogitações.

Ele conhecia, muito bem, a adolescente sua vi-sinha. Chamava-se Henriqueta, tinha dezoito anos, ia todos os domingos á missa e em certas noites tocava Chopin no piano...

Parecia-lhe séria, honesta, com propósitos de



mulher completamente formada e nunca surpreendera homens rondando a sua casa.

Nas tardes de verão, vinha costurar para a varanda, e tinha um lindo gesto de esquecer, ás vezes, as mãos no regaço, cerrando os olhos meigos. Simplesmente, nunca Julião a viu tão bela, como n'essa manhã de junho, luminosa e nítida.

Seria ela que lhe enviava flores—as flores que cultivava com tanto carinho—como uma doce promessa de amor? Esta suspeita encantou-o e comunicou-lhe audácia, olhando-a com uma insistência provocadora, tanto mais que Henriqueta não desviava o olhar nem se afastava da varanda que o aroma dos cravos incensava.

—Então, menino?—exclamou Rosalina. Não quer hoje almoçar?

—Agora é certo, mulher. Vou almoçar e até com apetite!—bradou ele cheio de vivacidade.

A partir d'esse dia, durante longas, dormentes semanas, Julião demorou-se gratamente á janela do seu quarto, mais do que o costume, e sempre encontrava, satisfeito, contente, Henriqueta á va-

randa entre os vasos de craveiros. Habituará-se a esta saudação matinal, que o enlevava, e foi ariscando mesmo algumas palavras, a principio hesitantes, com medo de ser escarnecido, mais tarde audazes, como se n'elas quizesse exprimir a confiança no triunfo. O idílio—um suave idílio que lhe iluminou a alma—começou então, dissolvendo todos os negrumes da intimidade moral de Julião, que renascia: e foi com espanto que Manuel—um amigo, já casado, dos tempos do Liceu—o viu entrar-lhe um dia em casa, alegre, com boas côres, de cravo na botoeira do casaco, dizendo-lhe com desembaraço:

—Sabes? Vou casar.

—O quê?

—Vou casar, homem! Que ha n'isto de extraordinario da minha parte?... Pois não é tão natural?

—Certamente. Mas em ti, misantropo, solteiro, fugindo com horror de todo o convívio, de toda a sociabilidade, parece-me uma anomalia... Como foi isso?

Julião, sentando-se e cruzando a perna, olhou Manuel com afabilidade, murmurando:

—Como foi isto?... E' querer saber muito! Mas, está bem! Para ti não ha segredos... Ouve... Certa noite de tristeza mais pungente, quando entrei no meu quarto, encontrei...

—Um ramo de cravos brancos!—atalhou Manuel com a boca cheia de riso.

—Sim, um ramo de cravos brancos... Mas como o sabes, quem t'o disse?...

—Depois?...—interrogou Manuel.

—Depois—continuou Julião mascando as palavras—havia na visinhança da minha vivenda uma certa Henriqueta que todas as manhãs regava os craveiros á varanda. Eu olhei-a, ela olhou-me...

—Bem sei. Não tornaram a olhar-se mais em todo o dia. Isso vem no Dante, no episodio de Paolo e Francesca, pouco mais ou menos.

—Sim, mas Paolo e Francesca morreram e nós vamos viver agora!

—O' Emilia!—gritou Manuel para dentro. Vem cá.

—Que é, meu amor?—perguntou uma voz fresca de mulher.

—Quero dar-te os parabens, porque és a mais subtil psicologo de saias que tenho conhecido.

—Então?...—inquiriu Emilia entrando.

—O nosso amigo Julião vai casar, e creio que foste tu que concorrreste para este acontecimento notavel.

—Pois o ramo de cravos brancos que decidiu do meu destino!...—tartamudeou Julião.

—E' verdade, fui eu que lh'o mandei com todo o misterio que o intrigou e o levou a amar.

—Essa agora!...

—Veja como muitas vezes as coisas insignificantes exercem uma ação prodigiosa e renovadora em certos sensibilidades e em especies estados d'alma!

—Menino—concluiu Manuel, com uma gargalhada—é a psicologia. Tu não possuias uma vontade nem eras movido por um interesse na vida. Eu e a Emilia, que te estimamos, decidimos despertar-te, com as flores, a vocação para as flores... E conseguimos-o, barbaro. Só tens que nos agradecer!

JOÃO GRAVE.



# O SPORT NO PORTO

## A ESGRIMA POR SENHORAS



«Mademoiselle» Nereida, o menino Euclides e «mademoiselle» Ondina, em pé.

Causou, ha pouco, grande impressão na sociedade elegante do Porto e entre os amadores de «sport» a noticia de que, do programa d'uma festa organizada pelos bombeiros voluntarios d'aquella cidade, faria parte

uma sessão de esgrima pelas gentis e graciosas meninas Ondina e Nereida, em alternativa com seu irmão, o pequeno Euclides, filhas do distinto «sportman», sr. Oliveira e Silva.

Conhecidas já no paiz como nadadoras eximias as duas meninas revelaram-se tambem duas esgrimistas notaveis, pe-

la destreza e elegancia com que cruzaram o florete e o sabre, n'um «enragé» macabro de ataques e respostas, n'esse duello simulado em que a arte e a distincção se casaram com a agilidade e com o sangue frio.

Ha ainda a notar a circumstancia de serem ellas as primeiras das damas portuguezas, que entre nós revelaram as suas extraordinarias aptidões, no difficil e nobre jogo das armas.

O menino Euclides, uma creança ainda, revelou-se tambem



Da esquerda para a direita: «Mademoiselle» Ondina defendendo uma segunda estocada de sua irmã Nereida.



n'essa festa um esgrimista de muito valor, na opinião do Grupo de Armas e Sport Portuense. Dos elogios que aos jovens esgrimistas couberam, comparilhou sem dúvida seu pae e professor, o sr. Oliveira e Silva, no tavel pelos seus desdobramentos desportivos em nataçãõ, ginastica, esgrima, remo, cavalaria alta



escola, jogo de pau, etc. D'uma atividade prodigiosa, d'uma resistência de ferro, construção robusta e solida, qualidades que tem sabido crear e desenvolver em seus filhos e em seus discipulos, Oliveira e Silva bem merece os aplausos de todos, pelo esforço extraordinario que tem desenvolvido em prol da regeneração da raça portugueza.



1. Fases d'um assalto. Da esquerda para a direita, «mademoiselle» Nerelda defendendo em setima um ataque de seu irmão Euclides.—2. As distintas esgrimistas «mesdemoiselles» Nerelda e Ondina.  
3. Fase d'assalto. «Mademoiselle» Nerelda atacando em prima a sua adversaria.  
(«Cllichés» do sr. Alvaro Martins)



(A' Ilustração Portuguesa)

Como um guerreiro, antigo e denodado,  
Côta forte de malha reluzente,  
Vizeira alta, olhando sempre em frente,  
E o coração a tudo preparado,

Assim desci á liça: Couraçado  
O animo contra a rude e fêra gente  
Que tinha a defrontar. Um inclemente  
Ataque me esperava... Mas que errado

Vaticínio!—Correndo em campo aberto,  
Um pagem para mim vi avançar :  
De gibão, luva branca e descoberto.

E em verbo altisonante e d'encantar,  
Em cortez saudação, quando foi perto,  
Pediu lhe dêsse a mão, para a beijar!

JULIA EUGENIA SILVA DE PEREIRA.

# A crítica



# A GRÉVE DOS FERRO-VIARIOS

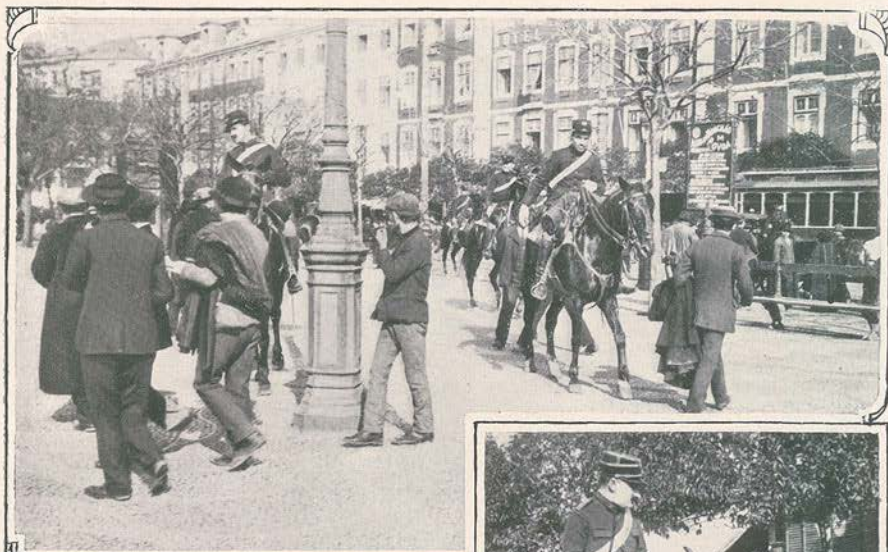


Os ferro-viarios diante d'uma ordem da Companhia que lhes dava novamente ingresso nos seus respectivos logares reuniram na Caixa Economica Operaria deliberando apresentarem-se nas respectivas estações e oficinas. Submetidos, foram apresentar-se tendo tambem solicitado do ex-ministro do interior sr. Rodrigo Rodrigues que intercedesse pela sua readmissão rapidamente em vista de terem pactuado com as condições impostas. Esta vae demissionario o ministerio e d'ahi a difficulda

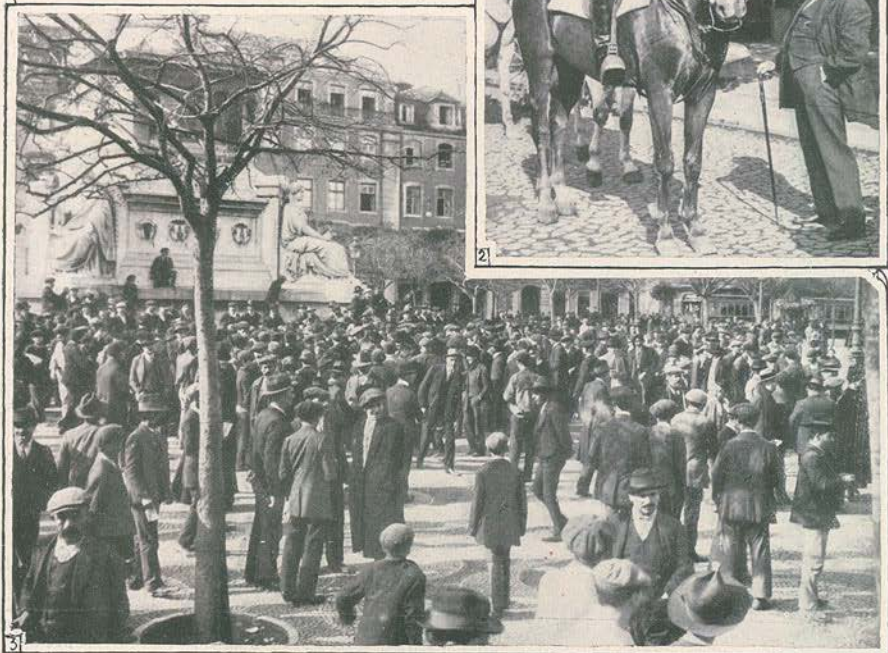
de da interferencia no assunto que se vae resolver. O serviço do caminho de ferro foi restabelecido rapidamente começando a funcionar desde logo varios comboios supplementares de mercadorias para dar vasão ao serviço accumulado. Tambem foi solicitado que se puzessem em liberdade todos os ferro-viarios presos por occasião da gréve.



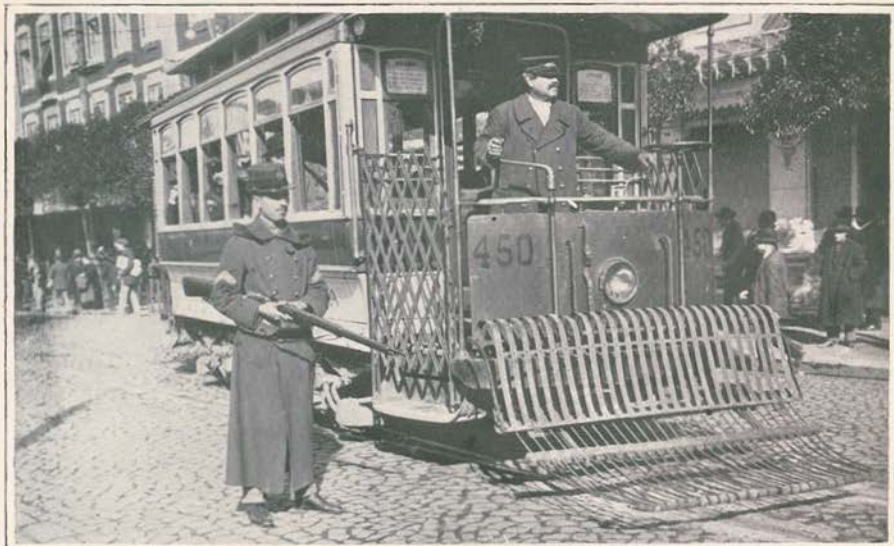
1. Os operarios concertando a linha que fôra desmanchada em Alcantara.—2. Na Caixa Economica Operaria: Antes da reunião em que os grevistas deliberaram voltar ao trabalho.



1. A cavalaria da Guarda Republicana dispersando o povo.—2. O comandante das forças do Rocio, capitão Paul conversando com o sr. capitão Esmeraldo da policia.



3. O povo no Rocio fazendo o seu protesto contra a circulação dos carros electricos.



A infantaria da Guarda Republicana guardando os electricos.

O povo no dia em que se proclamou a greve geral, tentativa que não deu resultado, e com a qual se protestava contra a forma por que se liquidava o caso dos ferroviarios, tentou fazer parar alguns

carros no Rocio, apedrejando os electricos, sendo dispersado de seguida pela cavalaria da Guarda Republicana e por policia e ficando aquele local guardado até a noite.



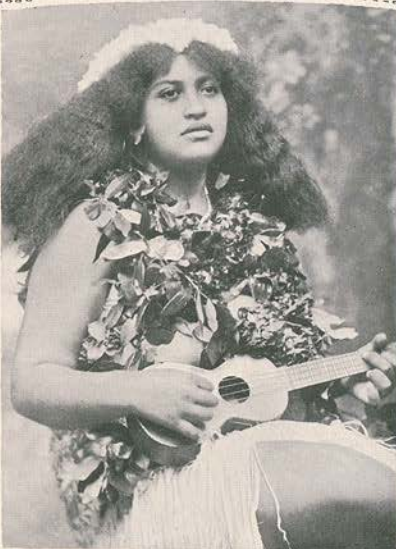
A cavalaria e a policia escoltando os electricos e pondo o povo em debandada n'uma carga.  
(«Clichés» de Benollel)

## A colonia portuguesa nas ilhas de Sandwich

As ilhas Sandwich constituem o territorio havaiano. De todas as ilhas, com a area total de 12.000 kilometros aproximadamente, só 8 são habitadas e as maiores são Hawai, Mani e Oahu.

A de Hawai ou ilha grande tem mais de 2 terços da area total do arquipelago e o seu porto principal é Hilo. Mas é a ilha de Oahu a mais povoada e onde está o principal porto do arquipelago—Honolulu—que é a capital do territorio havaiano.

Honolulu tem magnificos caes com aparelhos para carga e descarga de mercadorias dos mais aperfeiçoados que existem. As suas ruas largas e arborizadas com varias qualidades de palmeiras, acacias e outras arvores, os seus bellos edificios, as ca-



Uma bonita balladeira das Ilhas Sandwich.

sas de habitação no meio de pequenos jardins, uma temperatura amena quasi constante e o seu extremo aceio fazem com que Honolulu seja uma bonita e agradável cidade.

A cidade do Hilo na ilha de Hawai é muito mais pequena que a capital, mas está tomando um grande desenvolvimento.

A riqueza das ilhas provém do assucar. E' por assim dizer a sua unica fonte de riqueza pois a sua exportação é quasi 95 por cento da exportação total.

É digno de se notar o esforço empregado para se tirar da terra o maximo rendimento.

A falta das chuvas é completamente remediada pelo grande numero de pozos artesianos



Uma avenida em Honolulu.



Terrenos d'uma plantação de cana vendo-se as casas das maquinas e do pessoal.

que ha nas plantações de cana sacarina. As terras são analisadas amiudadas vezes para se saber a qualidade e quantidade de adubo que elas necessitam. E as maquinas empregadas para o fabrico do assucar são as mais aperfeiçoadas e as que dão mais aproveitamento.

Ha no arquipelago uma colonia portugueza de mais de 25.000 pessoas, na sua maioria madeirenses. E' a maior colonia europeia e a mais rica pois, segundo lá dizem, metade do dinheiro depositado nos bancos de Honolulu é capital portuguez. A nossa colonia goza lá d'uma certa importancia e o territorio deve

mesmo a ela muitissimo da sua prosperidade e actual desenvolvimento.

Embora relativamente haja poucos comerciantes estabelecidos, ha muitos proprietarios, muitos empregados nos serviços do governo e nas grandes casas comerciais e bancarias; e um grande numero de filhos e filhas dos nossos colonos exerce o professorado nas escolas americanas.

A maioria dedica-se aos trabalhos das plantações. Muitos dos nossos colonos tem terrenos comprados ao Estado que cultivam onde tem as suas casas. São estes terrenos os *homesteads*.

A colonia tem sociedades de socorros muito bem organisadas sendo a principal a Sociedade Luzitana.

Passa por lá um portu-guez, facto rarissimo, e demora-se, o que ainda é mais raro. Que manifestações de amizade lhe dispensam como se fossem amigos velhos



Tipos femininos do Hawai.



Cortando a cana do assucar no Hawai.



Uma estrada na ilha do Oahu—2. Grupo de portugueses no Jardim da casa da Sociedade Lusitana em Honolulu: Srs. João Melim, José Correia e Augusto Vieira, dr. Luiz Gaspar, Tenente Franco e Frank Santos.

que ha muito tempo se não viam E' porque da sua patria, onde muitos ainda teem parentes, passa alguém que lhes fala a sua lingua e lhes dá noticias do seu pequeno Portugal. E' um portuguez? E' um amigo, é um conhecido. E uma vez por outra, uns rostos mais



conhecem. Ha no emtanto quem ainda por lá tente resistir ao abandono da lingua portugueza.

Em Honolulu ha fundada a escola portugueza «Patria», mas não tem funcionado por falta de professor portuguez.

Ha no arquipelago tres jornaes semanarios portuguezes, dois de pequeno formato no Hilo e um em Honolulu. Este o de maior formato e intitula-se «O Luzo». E estes jornaes que muitas vezes dão prejuizo aos seus proprietarios representam um grande esforço patriotico cujo fim principal é o de não deixar esquecer por completo a lingua portugueza. Bem hajam os seus louvaveis intentos.

Luiz Trancoso.

Uma palhota dos nativos de Hawal

Em Hawal: Uma fenda do vulcão Kilane



Em Hawal: Uma fenda do vulcão Kilane

encantadores, umas vezes mais doces perguntam-lhe como que a médo que se lhes descubra uma certa saude—conhece o sr. F...? —E' um nome d'algum que foi aspirante, guarda-marinha ou 2.º tenente do cruzador S. Gabriel e que deixou n'uma carteirinha um verso e n'um coração um nome... talvez outro verso.

Devido á falta d'um professor portuguez, muitos dos filhos dos nossos colonos não falam portuguez. E' uma falta enorme não haver quem lhes ensine a lingua e historia patria que eles quasi por completo des-



Outra estrada em Honolulu.

# FIGURAS E FACTOS

Manuel de Sou a Pinto, o illustre escritor que ainda ha pouco citamos como o feliz autor do livro *Evanidade* acaba de publicar *Magas e Histrões* encantadoras paginas que firmam os seus creditos de primoroso conversador, analista e critico.



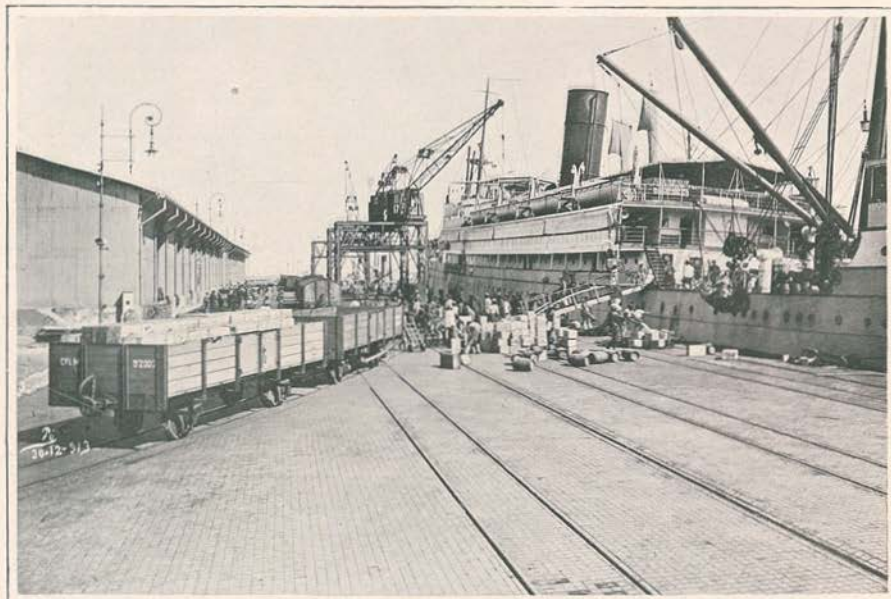
O sr. Manuel de Sousa Pinto, autor do livro *Magas e Histrões*. « Cliché » Furtado & Reis.



Sr. Alberto Carreira

que a Companhia da Beira-Alta tem introduzido nas suas linhas ferreas, pontes, tuneis e edificios, tem sido superiormente dirigidos pelo seu actual inspector da via, sr. Alberto Carreira, que continúa mantendo na Companhia da Beira os excellentes créditos alcançados em valiosos trabalhos na Companhia Portugueza, onde é muito considerado.

Todos os melhoramentos



A ponte de Lourenço Marques depois dos trabalhos que ultimamente all foram executados.



1. Coronel sr. Alfredo Pereira Taveira de Magalhães, falecido em Lisboa.—2. General sr. Joaquim Antonio Severo d'Oliveira, falecido em Lisboa.—3. Padre Miguel Gaspar dos Santos, falecido em Evora.—4. O distinto ator Elol de Jesus, falecido em Lisboa.—5. Sr. Manuel José dos Reis Cabrita, pae do delegado da Republica sr. dr. Reis Cabrita, falecido em Alcantarilha.—6. O major sr. Francisco de Brito Freire, falecido em Lisboa.





Os novos véos da moda.

Paris acaba de lançar na circulação um novo véo. Trata-se d'uma gaze breve e exotica. A mulher em vez do «galante», do «beijocador», do «tentador», dos sinais do seculo XVIII tem-o sobre a sua face que a «veloutine» moderna arroxeia, a aranha, a barata, a mosquinha, e mesmo até todos os caracteres da pontuação desde as interrogações ás virgulas. Estes véus com o andare do tempo podem tornar-se expressivos como a lin-

guagem das flôres dos almanagues galantes. A parisiense começou a usar isso com



Naufragio do hiate «Porfirio»:  
Um aspecto interessante  
do barco naufragado.

o pó de arroz de côr e na Russia a mulher da alta sociedade entrou a pintar a cara com diversas insignias como tatuagens que todos os dias desaparecem para de novo surgirem ao capricho da dama creando naturalmente uma nova classe: a dos pintores de formosas faces.

Por mais efemero que tudo isto seja, Lisboa não deixará de acudir a estes ecos da moda.

O barco naufragado na prala do Convento, perto de Sines, vendo-se ao lado esquerdo parte do antigo convento.  
(«Clichés» do distinto amador José Monteiro Guerreiro)

# A festa do Club Brasileiro



A direção do Club Brasileiro:

1. Primeiro secretário sr. João Pereira Machado.—2. Sr. Arlindo Correia Leite, vice-presidente.—3. Presidente da direção sr. Nogueira Pinto.—4. Sr. Francisco Ferreira Couto Ferraz, tesoureiro.—5. Sr. Alberto Melo Abreu, 2.º secretário.

O Club Brasileiro, onde se reúne a primeira sociedade portugueza e a da colônia da grande Republica do Brazil, tem ultimamente oferecido festas magnificas aos seus socios e convidados.

Ha pouco tempo ainda deu um baile esplendido no qual figuraram as senhoras mais elegantes e os mais distintos cavalheiros e ha dias um concerto por distinctissimos amadores a que outro baile se seguiu. As sr.<sup>as</sup> D. Margarida de Carvalho e Estela Belmarço tocaram ao piano a «Radiouse» com que se abriu o sarau e

M.<sup>elle</sup> Ermelinda Mota, Cosete Barreto, Rachel Lisboa Lima, Vitoria Lapa Correia, cantaram primorosamente diversos trechos escolhidos, tendo ainda tocado ao piano a «Danse d'Anitra» mad.<sup>elle</sup> Maria Alvelos e na harpa a Ballada, de Hasselmanns, mad.<sup>elle</sup> Aurora Monteiro Barbosa.

Os srs. Armando d'Aguiar e Melo Abreu recitaram versos tendo o sr. Monteiro Barbosa e mad.<sup>elle</sup> Aurora Monteiro Barbosa tocado no violoncello e piano o «Sumber Song» de Squire.



As senhoras e os cavalheiros que tomaram parte na festa: Da esquerda para a direita, sr. Armando Aguiar, emesdemoselles Ana Mota, Estela Belmarço, Maria José Alvelos, Ermelinda Mota, Raquel Lisboa Lima, Margarida Carvalho, Aurora, Monteiro Barbosa, Cosete Barreto, sr. Alberto de Melo Abreu.



As senhoras e cavalheiros que assistiram ao delicioso sarau e ao esplêndido baile no Club Brasileiro na noite de 17 de Janeiro.

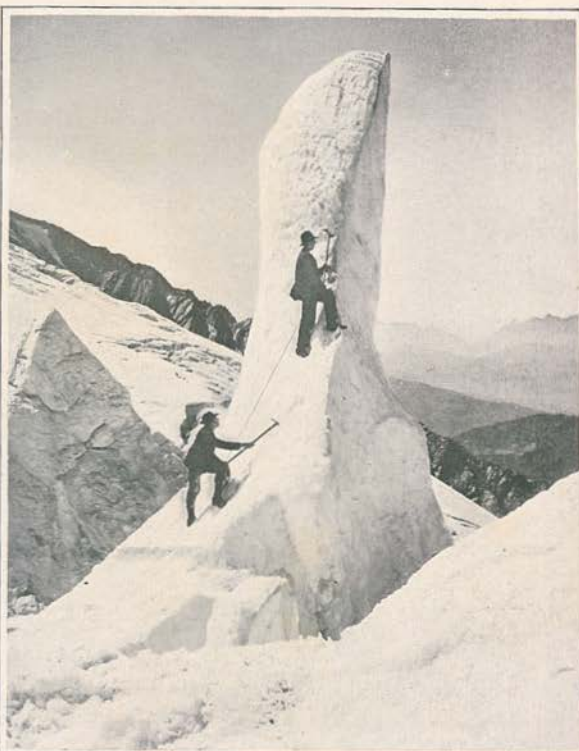
## TEMPOS DE GELOS



O vale de Chamontx, ao levantar do sol, coberto de grossas neves

Os gelos como todas as grandes obras da natureza tem a sua beleza e a sua nota terrível.

Caindo dos espaços em pequeninos cristaes são como lagrimas pesadas choradas por eles formando-se em grandes massas nas montanhas são as avalanches e veem destruir e aniquilar com o seu peso formidável as alegres casinhas das risinhas dos vales. Nos mares sendo blócos formam os terríveis *icebergs* serras de gelo flutuantes que as aguas arrastam e chocam



Um pico na neve

os mais poderosos navios.

Ainda pouco o *Titanic* que levava nos seus flancos uma aristocracia de sangue e do milhão a dispender rios d'ouro, d'espírito e de graça no meio das mais belas maravilhas que é possível imaginar o que era o mais opulento barco do mundo, foi vítima desses *icebergs*. Em pleno mar, essa cidade flutuante tornou-se numa jazida de centenas de vítimas e ficou na historia dos naufragios como um dos mais terríveis.



Efeitos da neve grossa

Mas ao mesmo tempo que assim são pavorosos os gelos são também instrumentos de prazer e elementos de cura. Nas altas montanhas da Suíça fazem-se os jogos e fazem-se as curas,

patina-se e fecham-se as cavernas d'alguns pulmões. Embora tivessem acabado em grande parte as terríveis explorações nas geleiras, que tantas vítimas causaram, ainda hoje ha quem se tente ás travessias.

Tartarin nos Alpes também



A travessia ante dois blocos colossaes

ranos. ás suas afeições,  
ás suas patrias.

De ano para ano essa aventura tem mais fanaticos e assim como ha as notas bravas



Um formoso aspecto das Neves

quiz ser bravo mas acabou por tomar os funiculares.

Emquanto n'estes recantos se fazem as diversões com o gelo, proximo dos hotéis onde os pianos tocam as mais belas composições e os gramofones vão atirando as vozes dos mais celebres cantores, as explorações aos polos avançam e as montanhas geladas, as cordilheiras, os monticulos assim como os recortes de terreno vão sendo batizados pelos aventureiros exploradores noruegueses, ingleses e americanos em homenagem aos seus sobe-



Ascensão d'um pico de neve

da exploração Scott escrevendo com os dedos gelados a sua última vontade. evocando a grandeza d'alma britânica, assim ha notas comicas de Pearys e Cook indo descompor-se nas Sociedades de Geografia acerca das fantásticas descobertas do polo.

O gelo que inundou Paris e Londres, que fez fugir dos alcantis das serras hespanholas

os ursos e os lobos e caiu fortemente em Traz-os-Montes e tambemnas Beiras tem sido bem mais rigoroso n'este inverno, tem apparecido com mais abundancia fazendo incomodar mesmo os povos que a ele estão habituados e sofrer rudemente os que, como nós, não costumam vêr gelados os seus rios nem os seus campos amortalhados em neve alvissima.



1. Um tunel formado de gelo. — 2. Nas margens d'um lago em Zurich.  
(Todas estas fotografias foram gentilmente cedidas à «Ilustração Portuguesa» pelo seu distinto colaborador artistico sr. Manuel de Fraga, que passou largo tempo na Suissa)

## Caçada aos cavalos marinhos



Os cavalos marinhos caçados e o caçador e alguns dos seus amigos: — Da esquerda para a direita: O distinto fotografo amador Antonio Hildebrando da Silva; em pé, sr. Joaquim Filipe Amado, sr. José Bernardo e sua filha Albertina, srs. José Armando de Freitas, Abilio José Sabino e Aurelio Henriques, e um grande numero de indigenas á espera da carne. — (Clichê do caçador Francisco dos Santos)

Nas nossas colonias africanas ha arrojados caçadores cujos nomes a *Ilustração Portuguesa* tem arquivado com suas proezas. Um d'elles é o celebre Francisco Santos que ainda ha pouco esteve em Ualla-Catete, a convite do abastado negociante sr. José Fernando onde matou bastantes cavalos marinhos nas lagoas de Gulungo e n'outra da região de Quissama assim como n'um riacho chamado *Quanza riafu*.



O grande caçador sr. Francisco dos Santos

Tambem acompanhado pelo mesmo negociante, sua filha e outros individuos da localidade o caçador atravessou o Seles e sob um sol ardentissimo e levou-os ao logar onde estavam os tres ultimos monstros que matara e que deviam pesar sete ou oito toneladas. Dois dos bichos feridos tinham conseguido escapar-se. Ao todo o sr. Francisco Santos matou dez cavalos marinhos formosissimos exemplares.



O caçador sr. Francisco dos Santos com quatro cabeças de cavallo marinho, (tendo á frente um feto) mortos na região da Quissama distante 3 leguas do Ualla.



# ○ aniversário da revolta do Porto

## Uma data histórica.

Foi uma cena da minha infância, ha 23 anos.

A' aldeia remota on-



3. Tenente Coelho, um dos heróicos do 31 de Janeiro, hoje tenente coronel de Infantaria.



1. Alves da Veiga, chefe civil da revolução hoje ministro em Bruxelas.—2. Capitão Amaral Leitão, chefe militar da revolta, falecido na casa de Farinhão depois de ter sido oficial no Brazil.



combatente dos moços, mas principalmente a que mais cedo entrara na luta aspera da vida, e aprendera



5. Alferes A. da C. Malheiro, um dos heróicos do 31 de Janeiro, hoje major do 16 d'Infantaria.

de moro, a muitas leguas do Porto, chegaram os ecos d'essa tentativa audaz, realisada por um punhado de bravos

primeiro a conhecer os homens e a apreciar os factos, deixara-se embevecer pelas ideias generosas de equidade e de

de sonhadores, que pretenderam esmigalhar um poderio arbitrario e despótico para o substituir por um regime de liberdade, de paz, de tolerancia, de fraternidade, de reedificação, emfim.

O liberalismo era já então um sistema politico desacreditado lá fóra pelos homens do governo, e cedia o passo á democracia triunfante. Entre nós, mesmo, quasi ninguém sabia que principios filosoficos, moraes ou economicos, norteavam os nossos homens de Estado. Mas a geração nova, não apenas a que frequentara Coimbra-doutora, por onde ainda um vago sentimentalismo amortecia o ardor



4. João Chagas, implicado na revolta, hoje ministro em Paris.

justiça que então percorriam o mundo, como um bafo calido e renovador, e pensaram os grandes ingenhuos que isto poderia ser ainda um paiz de progresso e de civilisação.

A tentativa fallhara. O esforço hercules desfez-se n'uma onda de sangue, rubro e quente, estuante de mocidade e de entusiasmo.

E os ecos d'essa derrota chegaram á minha aldeia, não como uma expressão de desalento, mas como um grito de jubilo, como um sopro de vitalidade, porque o povo se convenceu de que as suas energias não haviam ado mecido, que a velha alma da raça rejuvenecia e impulsionava a patria para no-



Os sargentos e cabos de caçadores 9 presos por ocasião da revolta de 31 de Janeiro.



Aspeto do conselho de guerra em que foram julgados os revolucionários de 31 de Janeiro a bordo da «Bartolomeu Dias»

vos destinos. Se me lembro... Era n'um domingo, a igreja estava em festa, no adro bandeiras drapejavam em mastros cobertos de festões e de trofeus, estrealjavam foguetes, e as raparigas e os rapazes da minha terra, formando rondas, cantavam ao desafio.

N'um dado momento, o mestre da música, mandando reunir a banda em semi-circulo, arrebanhou os petizes para segurarem os papeis. Eu era um d'eles. E os musicos, a um sinal da batuta, atacaram uma composição ingenua, simples como a alma do povo, em que o combate do Porto era figurado. Os instrumentos, de começo, esboçavam um gesto de audacia e de rebeldia. Depois vinha a marcha arrogante dos soldados e populares, o tropear da cavalaria, o detonar das espingardas, a fusilaria das descargas, o estrondar dos canhões, o vozear do triunfo. De repente, porem, os acordes esmoreciam, uma aragem de desalento perpassava e osom da musica desvanecia-se em surdina, como um dobre longiquo a finados.

E a impressão que me ficou que pude advinhar, na minha inconsciencia, em todos os rostos, foi de tristeza, tão accentuada, tão viva, que nunca se me varreu da memoria. Até, o velho aba-

de, que d'um muro do quintal assistia, alegre e satisfeito, ao desenrolar da festa, tinha, n'esse instante, uma visível expressão de desanimo. Também sentira aquela derrota, que era mais uma ilusão desfeita, uma esperança perdida.

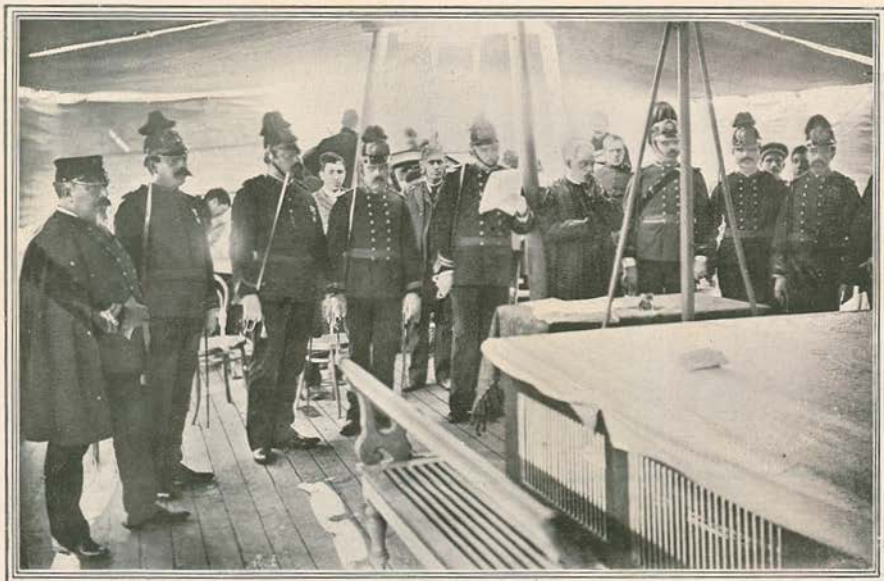
E vi-o por alguns momentos pensativo remoendo recordações por certo contristadoras, Mas de subito animara-se. Na larga varanda, que abria sobre o adro, estava a mesa posta. Os musicos e os padres que haviam tomado parte na missa solene, rodearam-na, atacaram, com maior vigor ainda que ha pouco, os pratos fumegantes e os cangirões em que um vinho capitoso espumava, rubro e generoso como esse sangue puro que estava nas veias da mocidade que fizera o 31 de Janeiro. Por baixo da varanda, uma ramada verde

entontecia de esperanças novas todos os cerebros. E ao fim do banquete, os estomagos quentes e as almas fortalecidas, os da banda empunharam novamente os instrumentos e, a pedido do velho abade, cujos olhos riam de contentamento, deante dos padres animados e sorridentes, em face do povo, que se aglomerava em baixo, curioso e boquiaberto, executaram a *Portuguesa*, que soou, no ar embalsama-



Monumento aos vencidos do 31 de Janeiro no cemiterio do Prado do Repouso

(«Clichê» Alvaro Martins)



A leitura da sentença que condenou os revolucionarios do 31 de Janeiro.



Alguns dos presos civis por ocasião da revolta do Porto: 1. srs. José Cervães e Rodrigues.—2. Barboza Junior.—3. Soares Neves.—4. Felizardo de Lima.—5. Penetra da Costa.—6. Eduardo de Souza.—7. Jerônimo Pinto de Moura.—8. Miguel Verdial.—9. João Chagas.—10. Dionísio Santos Silva.—11. Luiz A. Simões d'Almeida.—12. Clemente Alves.—13. José Maria Durão.—14. Joaquim Pinto de Vasconcelos.—15. Domingos Felto.—16. Joaquim Tomaz de Brito.—17. Dr. João Paes Pinto.—18. Aurelio da Paz dos Reis.—19. Alvarim Pimenta.—20. Homem Cristo.



Os presos a bordo do *McCambique*, 1.º plano da direita para a esquerda: srs. João Chagas e Homem Cristo. — 2.º plano srs. Luiz A. Simões d'Almeida, Aurelio da-Paz dos Reis, Felizardo Lima, Dr. João Paes Pinto, abade de S. Nicolau e João Maria Durão.



Aspêto do conselho de guerra a bordo do *Indiá*.



Os soldados de infantaria 10 presos a bordo do Moçambique.

do, como um hino de vitoria, como um brado de revolta, o alarido vibrante d'um povo que desperta para a vida, para a gloria, para a immortalidade.

Com que saudade, com que comoção e tambem com que magua eu recordo ago-

ra essa cena impressiva da minha infancia distante!

E é tão doloroso acordar d'um sonho!

*Porto, janeiro de 1914.*

SOUZA MARTINS.



Alguns dos mutilados do 31 de Janeiro («clichê» Paz dos Reis)  
(Todos os «clichês» tirados a bordo dos navios foram-nos gentilmente enviados pelo distinto fotografo Aurelio da Paz dos Reis que foi tambem um dos presos por ocasião dos acontecimentos.

# Palmira Bastos

Palmira Bastos é a nossa primeira atriz d'opereta. Ensaçou com talento o drama, conseguiu mesmo destacar-se n'uma temporada, mas em breve regressou á opereta onde a sua graça, a sua beleza, todo o encanto que irradia são os complementos necessários para a simpatia que o publico mostr' pelas suas faculdades.

A opereta moderna, com a sua musicaligeira, saltitante, gracil que parece feita d'espumas leves tem n'ela uma maravilhosa interprete. A futilidade d'um enredo, pretexto apenas para musica interessante, é nas suas mãos alguma cousa de que fazer uma sedução. O velho repertorio, em que tantas celebridades brilharam, não teve para ella difficuldades e as epocas a fio que atravessou no teatro Avenida largamente o afirmam com a conquista completa dos espectadores que enchem todas as noites o teatro.



Voltou a distinta atriz ao seu palco amado e para ella o publico correu sempre ansioso de a ouvir e de ver como interpretaria esses numeros gracis das operetas vienesas que Franz Lehar poz em moda e as dos seus imitadores.

Ella incarnou-os como sempre, intelligentemente e venceu.

A's qualidades de talento junta Palmira Bastos as mais preciosas qualidades afetivas estando sempre pronta para auxiliar todas as boas obras e tomando muitas vezes parte em espectaculos de beneficencia em que é um atrativo a sua presença. Agora mesmo a illustre atriz se prestou com a maior gentileza a colaborar na recita da Associação dos Trabalhadores da Imprensa, a prestimosa colectividade que tantos serviços tem prestado socorrendo os que mourejam no jornalismo.



1. Palmira Bastos nos *Maridos Alegres*.—2. Palmira Bastos na *Rainha das Rosas*.—3. Palmira Bastos na *Princesa dos Dollars*.



4. Palmira Bastos no seu camarim do teatro Avenida.—5. A ante-camara do camarim da atriz Palmira Bastos no teatro Avenida.—6. Palmira Bastos na canção o «Trabalho» dos *Maridos Alegres*.—(«Clichés» Vasques).

# A sessão no Congresso



O presidente do Senado, sr. Anselmo Braamcamp Freire dirigindo-se para a reunião do Congresso a que presidiu.

Tornou-se realmente memorável, como se esperava, a sessão do Congresso de 26 de janeiro, a que foi submetida a proposta governamental sobre o adiamento dos trabalhos parlamentares por 10 dias e sobre a necessidade de serem interpretadas as disposições da Constituição acerca da nomeação de governadores para o ultramar.

As galerias encheram-se completamente, disputando os lugares com excecional empenho tanto os partidários do governo, como os da opposição. A primeira parte da proposta foi aprovada sem maior perturbação de ordem; mas a segunda originou

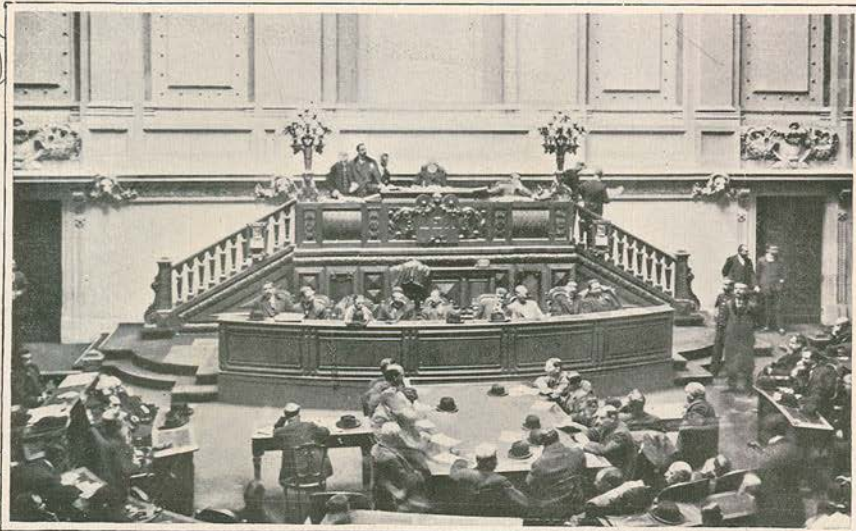


Os senadores srs. Leão Magno Azedo, Alberto da Silveira e o sr. dr. Antonio José d'Almeida, dirigindo-se para a reunião do Congresso.

Os senadores srs. Eusebio Leão e Pedro Martins, a caminho do Senado.

graves tumultos e diversos conflitos pessoais entre alguns membros das duas camaras reunidas e entre os assistentes, abandonando o sr. Braamcamp Freire a presidencia por não concordar tambem com ela por a considerar inconstitucional.

Foi este facto que veio sobretudo agravar a atmosfera de tormenta, que ha muito se condensava entre o governo e as opposições, e que junto a outros de cacraer essencial politico e de difficil apreciação levou o sr. dr. Afonso Costa pedir a demissão coletiva do gabinete a que presidia



A reunião do Congresso presidida pelo sr. Anselmo Braamcamp Freire. Sob a tribuna da presidencia o ministerio de que era chefe o sr. dr. Afonso Costa.—(«Gliches» Benoliel)





O sr. Castelo Branco.— No teatro Republica: Os atores Pinto Costa e Ferreira da Silva na peça «D. Francisco Manoel»

«D. FRANCISCO MANOEL»  
de RUY CHIANCA  
No TEATRO DA REPUBLICA

**R**UY CHIANCA obteve no ano passado um êxito estrondoso com a sua peça *Aljubarrota*. Elevado em vinte e quatro horas a uma notoriedade brilhante, Rui Chianca precipitou-se evidentemente na escolha do assunto, cheio de perigos, da sua nova peça e pre-

cipitou-se também na sua execução, demasiado ingenua. Não mediu o ilustre autor do *D. Francisco Manoel* as responsabilidades que um triunfo tão rápido e tão decisivo impunha ao seu nome. D'ahi as dificuldades, as hostilidades que o envolveram agora e que não devem, não podem ser, senão proveitosas para o seu futuro literario. O teatro é, essencialmente, um tablado de combate — e combater é vencer e ser vencido.



No teatro Republica: O ator Eduardo Brazão e a atriz Emilla d'Oliveira na peça «D. Francisco Manoel»



2.º ato da «Mulher Moderna»—Os tres falsos condes de Castel'Roger e a baroneza de La Roche-Faille.

D. Francisco Manuel não foi, historicamente, tal como a sua figura chegou até nós, essa especie de Cyrano de Bergerac que Ruy Chianca tratou. E' certo. E' certo tambem que a ação dramatica ficou, atravez da obra agora representada no Republica, reduzida, em demasia, ao conhecido episodio da Condessa de Vila Nova—o que, de si, tira grandeza e interesse aos quatro atos da peça. E' certo que a esses quatro atos falta pitoresco, falta variedade, falta a côr da época, que a *mise-en-scene* é insufficiente para dar. Mas não é menos certo que o poeta acusa, na fatura literaria, evidentes progressos e que, sobretudo no 3.º

ato, continua a revelar qualidades teatraes muito apreciaveis. O sr. Ruy Chianca tem deante de si um largo caminho a percorrer. Precisa de dar aos seus processos artisticos, como diremos?, mais audacia. A sua mocidade, já publicamente aclamada, impõe-lhe deveres que todos os que o estimam acompanham com o mais vivo interesse e a mais atenciosa deferencia pelos seus meritos.

O sr. visconde de S. Luiz Braga deu á nova obra de Ruy Chianca a fidalga hospitalidade que é das tradições artisticas do seu teatro. Deu-lhe a colaboração preciosa de Eduardo Brazão, de Ferreira da Silva e d'alguns dos principaes elementos da sua magnifica companhia e deu, inquestionavelmente, brilho e esplendor cenografico ao quadro historico que a peça evoca.

### A MULHER MODERNA No Teatro Politeama

A *Mulher Moderna* é já conhecida dos nossos palcos, onde tem sido representada com outros titulos. Uma satura ao feminismo. Como tal, tema velho em teatro, que vem já da *Assembléa das mulheres*—mas sempre tema fecundo em efeitos comicos e em ironias. Aquelas mulher-homens, que nos deixam apenas a nós a superioridade exigua e bastante discutivel dos bigodes, fazem-nos sorrir—mas a mim, sempre que as vejo e as oiço, na vida ou na ficção literaria, fazem-me tambem calafrios. Pobre e adoravel mulher, onipotente pecado de todos os tempos, como faz tristeza, afinal, vêr-te a ti, que desdesde Eva nos dominas e dominas o mundo, invejar o nosso chapéu de côco e a nossa fraqueza de sexo forte! No dia, graciosa e rebelde creatura, em que tu fôres meu colega e meu rival em todos os direitos civis e politicos, no dia em que tu fôres meu amante e chegares, mulher, com o progresso fisiologico, a pae de filhos—n'esse dia, que Deus faça distante, tu serás um pouco a caricatura que a atriz Sofia Santos nos dá agora no Politeama e has de vêr então as calças em que te metes!

A. de C.



3.º ato da «Mulher Moderna»—Madame Cascadier e suas filhas. («Clichés» de Benollet)

NOTA—Por motivos extranhos á nossa vontade deixamos, no nosso ultimo numero, de nos referir á *reprize* no Ginasio da Sociedade onde a gente se aborrece que nos deu o prazer d'arte de mais uma vez festejar a grande atriz que é Lucinda Simões.

# PARA QUE VIVER?

triste, miserável, preocupado, sem amor, sem alegria, sem felicidade, quando é tão fácil obter fortuna, saúde, ordem, amor, correspondência, ganhar aos jogos e a eria, pedindo a curiosa brochura gratis, em portuguez, do professor YTAÏO, 35, Boulevard Bonne-Nour, 11e, 35 - P. A. I. C.

# SERA' ESTE HOMEM DOTADO DE UM PODER EXTRAORDINARIO?

Muitas pessoas de alta categoria e competencia dizem que ele lê na vida de cada qual como n'um livro aberto.

Querem ser claramente informados a respeito das cousas que mais lhe podem interessar: Negocia, Casamento, Mudanças de Vida, Occupações? Querem saber ao certo o que devem pensar dos amigos e inimigos, e conhecer o meio de alcançar o melhor exit na vida?

LEITURAS D'ENSAIO, HOROSCOPOS PARCIAIS GRATUITAS A TODOS OS LEITORES QUE ESCHREVEREM DESDE JA'.

ESTAO atualmente despistando a atenção de todas as pessoas, que se interessam pelas ciencias occultas, os trabalhos do Sr. Clay Burton Vance, que sem alardear

plês: a data do nascimento. A ex-tidão Incontestavel das suas revelações e predições faz pensar que até agora quironomantes, adivinhos, astrólogos e videntes de todos os feitios não haviam logrado applicar os verdadeiros principios da ciencia de desvendar o porvir.

As cartas que publicamos em seguida atestam a elevada competencia do Sr. Vance: "Recebi o meu Horoscopo, escreve o Sr. Lafayette Reddit. Foi com verdadeiro assombro que li n'ele, fase por fase, a minha vida desde a infancia até agora. Ha anos que este genero de estudos me interessa, mas nunca me passara pela ideia que fosse possível dar opiniões e conselhos de valor (tão incalculavel, Sou, portanto, forçado a confessar que V. é na verdade um homem extraordinario, e muito folgo que possa fazer aproveitar, áqueles que o consultam, das suas admiraveis facultades."

O Sr. Fred. Walton escreve: "Não esperava receber uma tão espléndida descrição da minha vida. E' impossivel calcular todo o valor científico das suas consultas, antes de haver experimentado directamente, como eu fiz. Consultar a V. Ex.<sup>a</sup> é ter a certeza de alcançar o exito que se deseja e a felicidade a que se aspira." Em virtude de negociações levadas a cabo, podemos oferecer a todos os leitores da Ilustração Portuguesa uma leitura d'Ensaio gratuita, ou Horoscopo parcial. E' necessario, porém, que as pessoas que quizerem aproveitar este offerecimento façam o seu pedido, sem demora. Aquelles que desejarem, portanto, uma descrição da sua vida passada e futura que quizerem receber uma enumeração das suas características, talentos e aptidões, uma indicação das occasões que se lhes proporcionam, não tem mais que enviar o nome, a morada, a indicação do sexo, a do dia, mez e anno do nascimento, e a copia feita pela propria mão dos versos seguintes: "Vosso poder é grande, é assombroso, Ao mundo a fama diz: Do meu porvir rasgando o veu nebuloso. Dizai—Seréis feliz?"

Dirigi a vossa carta a Monsieur Clay Burton Vance, Suite 2008, M. Palais-Royal, Paris (Franca).

Será conveniente incluir na carta 150 réis em estampilhas brasileiras (ou dezpezas de porte e d'escriptorio. E' preciso notar que as cartas para Franca devem ser franqueadas com 50 réis em moeda portugueza, (ou 200 réis em moeda h'alleira). Não se deve incluir na carta dinheiro a moeda.

## POUDRE GERMANDREE

Secret de beauté

Pour embellir, soigner, l'opau adhérence, obtient le discret Parfum idéal

## FRIO da BELLEZA

POS para embellezar a cutis. PÓS em folhas adherentes em forma pratica CREME para ressecar e suavizar a pelle.

A' VENDA em TODAS AS PERFUMARIAS ELEGANTES de PORTUGAL

MIGNOT-BOUCHER 19, Rue Vivienne, Paris



duas especiaes, nem um poder sobrenatural, procura revelar o que a vida reserva a cada qual, com a x'ilio d'este dado tão sim-

Sabonele preparado com os saes das Aguas



de **Mizella**

o melhor para a pelle

Comprem os Bordados **Schweizer**

franco de porte a domicilio

**Vestidos Blusas** desde Fr. 11.83 desde Fr. 3.95

**Vestidos para Crianças** desde Fr. 5.90

No melhor bordado suizo soíre cambráia, voile, crépon, toile e sobre sedas novidade. Peça-m, a nossa collecção 22 de figurinos novos com amostras bordadas.

Os nossos bordados são por fazer, mas remetemos os padrões cortados em todas as medidas a quem os requisitar.

**Schweizer & Co. Lucerne, Suissa**



**SELLOS de CORREIO** Preços sem competencia. **CATALOGO GRATIS e FRANCO** Remettem-se folhas para escolher. **H. POULAIN** 5, Rue Victor-Massé, 5, Paris.



Dr. Benguê, 47, Rue Blanche, Paris.

**BAUME BENGUÊ**  
CURA TOTALMENTE  
**RHEUMATISMO-GOTA**  
**NEURALGIAS**

Venda em todas as Pharmacias

Sederia **Schweizer**

franco de porte a domicilio. Últimas novidades em sedas para Vestidos e blusas bem como em velludos e peluches. Peça-m as nossas amostras franco.

Schweizer e Ca., (Lucerna e Il (Suissa)

3 NERVURES

# CONTINENTAL

É

O BOM PNEU POR EXCELLENCIA  
PARA AS  
*más*  
*Estradas*

À VENDA EM TODAS AS GARAGES

TYPE COURSE